

Espaço e memória em Saramago. Pilares de suporte na defesa de valores éticos

Horácio Ruivo

Universidade Aberta (Portugal)

Resumo: Ler Saramago é confirmar o papel de um escritor atento, preocupado e interventivo, num tempo em que o acesso à cultura não promoveu o esperado sentido crítico dos cidadãos. Em consonância com o pensamento de Bauman e Lipovetsky e a ideologia do pós-modernismo, Saramago revela constante atenção face a uma sociedade que menospreza a ética e se encontra fragilizada no que toca aos valores de humanidade, solidariedade e justiça social. A forma como a obra de Saramago plasma esta nobre preocupação assenta em diferentes estratégias discursivas, sendo que, na globalidade, podem ser considerados dois eixos indutores da dinâmica da maioria dos seus romances: a recuperação de memórias e o simbologia em torno do espaço.

Palavras-chave: Memória; espaço; pós-modernismo; utopia.

Space and memory in Saramago. Support pillars in the defense of ethical values

Abstract: Reading Saramago is to confirm the role of an attentive, concerned and interventional writer, in an era in which accessing culture did not promote the expected critical sense of citizens. In line with the thinking of Bauman and Lipovetsky and the ideology of postmodernism, Saramago reveals a constant attention towards a society that disregards ethics and does not live up to respecting the values of humanity, of solidarity and social justice. Saramago's works shape this high preoccupation throughout different discursive strategies, and, overall, two axes can be considered to induce the dynam-

ics of most of his novels: the recovery of memories and the symbolism around space.

Keywords: Memory; space; postmodernism; utopia.

A exegese da obra de José Saramago confirma o que um leitor atento reconhece, sem esforço, ser um aspeto fulcral e um eixo norteador do papel deste escritor: a par de um cidadão preocupado e interventivo¹ ergue-se um escritor que se afirma ao público numa época após a revolução do 25 de Abril, em que, paradoxalmente, a vivência em liberdade e o acesso à educação e à cultura não promoveram o esperado sentido crítico dos cidadãos (em Portugal, concretamente, mas em muitas outras regiões da Europa e do mundo) face ao mundo péssimo que ele qualificou ser este em que vivemos. Na verdade, os fatores abonatórios que poderiam ter potenciado um homem novo, respeitador do próximo e obreiro de um mundo melhor, parecem ter-se desvirtuado e ter tornado o homem num ser cada vez mais egoísta, apático, inculto e, em consequência disso, facilmente alienável e manipulável. Por esse motivo, o cidadão e escritor Saramago não abrandou, antes pelo contrário, reforçou a sua militância literária e cada obra sua é o reinventar de mundos paralelos que toquem interiormente o leitor e lhe ativem a sua capacidade de pensar, reagir e mudar.

Atento a este mundo da pós-modernidade, do qual Bauman e Lipovetsky, entre outros, nos fornecem imagens maioritariamente assustadoras, Saramago focaliza a sua atenção nesta sociedade da imagem, do rápido, do imediato, do *fast thinking* (ou do pensamento líquido). Uma sociedade que menospreza a ética e se encontra, portanto, fragilizada no que toca ao sentido de humanidade, solidariedade e justiça social, donde deriva uma paulatina tendência para uma cegueira generalizada, um conformismo doentio e uma consequente abertura a políticas oportunistas e antidemocráticas, que o escritor teme poderem conduzir a irremediáveis perdas progressivas de liberdade e culminar com o reacender de ditaduras: os tempos deram esses sinais bem perto — o fascismo, em Portugal e em Espanha, e o nazismo são exemplos que Saramago refere explicitamente. Num mundo aparentemente moderno e numa sociedade que se supõe democrática, mas que enferma de muitos dos males da modernidade (lembramos, além dos já referidos, outros perigos, como os decorrentes do sistema financeiro e da economia capitalista, que extremam a dicotomia ricos/pobres e obrigam a viver na pobreza uma parte substancial da população mundial), Saramago vai

1. Desde o tempo das suas primeiras crónicas, escritas ainda durante o período da ditadura em Portugal, deixou transparecer, em expressão comprometida, dada a censura a que os textos eram sujeitos, muitas das suas preocupações em relação ao período de obscuridade que o país vivia.

alicerçar a sua obra em pilares que lhe confirmem força e segurança e garantam que a sua palavra provoque nos leitores uma espécie de efeito catártico, conseguido pela aproximação ou pelo contraste das experiências desses leitores com as personagens dos seus romances. Estas, em muitos casos, passam por provações complexas, mas acabam sempre por ser alvo de um processo de consciencialização e regeneração que as retira do caos em que vivem e as impele a erguerem-se e a procurar novos rumos na vida — e essa é também, afinal, uma pretensão do escritor nos seus leitores.

A literatura, para Saramago, vai ter de seguir um rumo que contrarie o da sociedade. Ora, o investigador literário chinês Lu Jiandong (2010) afirmou que a humanidade em geral atingiu um nível de vida sem precedentes, que as pessoas nos tempos modernos têm um *status* muito superior, sobretudo se atendermos às condições externas. Contudo, do ponto de vista da busca da espiritualidade e da sabedoria ou da escolha que se tem de fazer face à vida e à morte; do ponto de vista da plenitude e serenidade da alma ou da sensibilidade inteligente, as pessoas, hoje, não parecem mais avançadas do que os antepassados. Paradoxalmente, elas realmente mudaram o mundo de muitas maneiras, mas não conseguem mudar-se a si mesmas no sentido do aperfeiçoamento. Este é o destino do homem na sua vida e é também o da literatura que o acompanha sempre, segundo Lu Jiandong (2010).

Nesta linha, e embora Saramago tenha afirmado que nem a arte nem a literatura são para dar lições de moral, reconhece que, no que toca à ética (entendida por si, de forma abrangente, como o respeito que o ser humano deve ter para com os outros), a literatura pode desempenhar um papel determinante — expressar, literariamente, através dos livros, um sentimento ético da existência (Aguilera 2010).

Saramago reconhece, assim, esse papel de uma literatura que me atreveria a chamar de super ou hiper-realista, refinando os conceitos de realismo e realismo outros que desde a segunda metade do século XIX se vêm experimentando, quando se entendeu a pertinência de usar a literatura com a finalidade de espelho da realidade e fonte de crítica social. Não perdendo de vista o real, há, em Saramago, a passagem para um plano de interpretação e de análise dessa realidade, cujo propósito é a reflexão sobre questões determinantes de ética pessoal e coletiva. Talvez por essa atitude, os seus romances desajustaram o panorama literário da época, em Portugal (Aguilera 2010).

A forma como a sua obra plasma, então, esta preocupação nobre do escritor que, em atitude pedagógica, conduz os leitores à consciencialização dos paradoxos do seu tempo e a aprendizagens que os levem a se defenderem dos efeitos perniciosos do mundo moderno assente em diferentes estratégias narrativo-discursivas, sendo que, na globalidade, vamos considerar e abordar aqui dois eixos indutores da ação ou da dinâmica nos seus romances: por um lado, a recupera-

ção de memórias pessoais ou históricas e, por outro, a valorização do espaço, tomado este sempre num sentido plural, de que o *locus* é apenas uma visão.

A abordagem da memória opera-se dicotomicamente: há uma parte de índole autobiográfica, em que o autor vai fazendo emergir vivências, recuperando ou reinventando situações e pessoas com as quais conviveu e que foram marcos essenciais na construção da sua personalidade, muitas destas estando na génese de personagens que virá a criar nos seus romances; mas há também a memória estendida a um passado distante não vivenciado, sendo a economia dessas memórias determinante para a reescrita da história num processo de metaficção historiográfica, na linha do que preconiza Linda Hutcheon (1988), ou seja, usando uma dinâmica hábil que induz o leitor a reconhecer, no tempo presente, um paralelismo com as situações narradas.

Sobre o livro autobiográfico *As pequenas memórias*, a escritora colombiana Laura Restrepo (2008) escreve que, a certa altura da vida, os escritores sentem a necessidade urgente de evocar a infância. Esse momento geralmente surge quando eles estão já numa fase avançada da vida, assentando no paradoxo que é o facto de a história da infância ser mais a história de como nos vamos afastando dela, a visão da passagem do tempo e a sensação do fim que se vislumbra. Quaisquer que tenham sido as motivações de Saramago para escrever as suas pequenas (diria, antes, grandes) memórias, colhamos delas o que de importante contém em matéria de reflexão sobre a sua vida pessoal e sobre a perspectiva diacrónica evidenciada e, mais importante ainda, colhamos as reflexões que, em matéria de ética, são suscitadas.

Diz Saramago que, para aqueles que foram crianças nos tempos antigos, o tempo aparecia como feito de uma espécie particular de horas, todas lentas, arrastadas, intermináveis. Tiveram de passar alguns anos para que fosse possível compreender, já sem remédio, a fugacidade do tempo e a efemeridade da vida. Esta noção da passagem do tempo leva à inevitável morte, que Saramago se disciplinou por, estoicamente, aceitar. Mas leva também à reflexão sobre a forma como o tempo é freneticamente vivido nesta época de pós-modernidade em que escreveu essas memórias. Transparece essa noção em vários dos seus romances. Ilustro, a título de exemplo, com o *Ensaio sobre a cegueira*, onde o *incipit* começa com o frenesim do trânsito numa cidade moderna; o condutor, que fica cego (e porque, consequentemente, se vê impossibilitado de prosseguir nessa rotina agitada), é alvo de reações negativas por parte dos outros condutores, que nunca se colocam perante a hipótese de o primeiro estar deveras impossibilitado de arrancar ao sinal verde do semáforo — é uma imagem da rotina diária agitada do mundo moderno, em que impera a indiferença, o desrespeito, o oportunismo. Todo o «ensaio» explora essa degradação de um valor ético basilar: o respeito pelo outro. N’*A caverna*, Cipriano Algor é empurrado para fora do espaço íntimo da olaria para ir viver num espaço desumano que é o «centro» (um não

lugar, segundo Marc Augé (2003), espaço antropomórfico com o qual o ser humano estabelece relações de afetividade). O centro comercial é um espaço típico do mundo pós-moderno. Ali, a personagem vai ser espectador do modo absurdo de vida do seu genro e experimentar as piores sensações, por lhe serem transmitidas algumas normas a que terá de se submeter e que o impedem de agir livremente. Lembremos que a reviravolta na vida de Cipriano acontece, precisamente, pelas circunstâncias de uma economia de mercado capitalista, que põe o lucro acima de qualquer respeito pela pessoa. Evocando, pela memória, os momentos de tranquilidade vividos no seio do lar com a sua família, Cipriano decide pela fuga daquele lugar mastodôntico e desumano rumo a um espaço de utopia onde possa recuperar a sua dignidade.

Retomando ainda a questão da memória, Saramago não refere esse tempo da infância em atitude pessimista, mas antes refletindo sobre um período durante o qual, não obstante as carências materiais da família (muito em particular dos seus avós da Azinhaga), usufruiu de um ambiente propício ao desenvolvimento dos seus valores morais e à formação da sua consciência política. Em traços gerais, a mais importante dessas memórias será a do confronto com dois mundos, que são também dois espaços determinantes: o rural, da referida aldeia do Ribatejo, onde nasceu e viveu breves anos, e o urbano, da capital do país. Dessas recordações ressalta o contacto com a pobreza, a miséria, a desilusão e a morte, que vão deixar profundas marcas na personalidade do autor, mas também a positividade do amor maternal e as características singulares de alguns familiares muito próximos, como os avós Josefa e Jerónimo, cujas qualidades enalteceu sempre ao longo da vida, incluindo na cerimónia da receção do prémio Nobel. É breve a descrição da aldeia, mas dela é feita menção a algo que lhe é indissociável, e que será cenário de alguns dos eventos marcantes na infância do escritor, o rio Tejo. É relevante a sua forte ligação visceral àquele espaço rural, força telúrica que guardará ao longo da vida — aquele receber indelével da marca original da terra, a qual vai retomando e reforçando ao longo da vida, não apenas em atitude contemplativa, mas embrenhado em mundividências que lhe permitem conhecer o estigma da vida dos agricultores e a sua pobreza material, de que os seus avós eram um exemplo. O retomar daquele espaço de crescimento físico e interior acontecerá ciclicamente e desse contacto retomado aprendeu, sobretudo por via do avô, muito do que constitui a realidade da vida no campo, as gentes e as histórias de vida, as tarefas sazonais, o vocabulário regional e popular, que serão determinantes na criação de romances, como o *Levantado do chão*. No vaivém entre o passado e o presente, o autor denota, em certos momentos, as mudanças ocorridas no espaço atual da Azinhaga, tão diferente daquele que a sua memória guardava. Conforme explica Tulving (1972), revisitar terá avivado a memória do autor, impelindo a uma reflexão crítica sobre a mudança ali operada. É o caso da destruição dos olivais, por vontades ex-

ternas às das gentes. Lamenta o escritor o facto de as oliveiras, que, durante gerações e gerações, haviam dado luz às candeias e sabor à comida, terem sido substituídas por um monótono e interminável campo de milho híbrido, todo com a mesma altura, resultado de uma agricultura desvirtuada e industrializada. Este olhar sobre o espaço revela um profundo desalento face à transformação acontecida e potencia, simultaneamente, uma forte crítica à situação política, social e económica a que o país foi arrastado com a sua adesão à atual União Europeia — conhecedores da ideologia política de Saramago vamos encontrar exemplos diretos e indiretos de críticas do género disseminadas por toda a sua obra. O já referido Lu Jiandong (2010) interpreta a mudança recente das relações entre o homem e a natureza, a que não fica alheia a literatura. Segundo ele, o homem nunca foi, como hoje, tão atormentado pela angústia e pela dúvida — e a destruição massiva do meio ambiente é um exemplo perfeito dessa angústia. É esse mesmo olhar de tristeza que Saramago experimenta face ao rio junto ao qual brincou e que se transformou numa humilde corrente de água poluída e malcheirosa.

Ainda n’*As pequenas memórias*, mas agora centrando-nos no espaço urbano de Lisboa, Saramago recupera a tomada de consciência sobre questões sociais e políticas, designadamente o totalitarismo de Salazar, ou a guerra civil espanhola, no final dos anos 30, ou ainda a ascensão de Hitler ao poder. Recorda a sua recusa expressa em pertencer à Mocidade Portuguesa, que apoiava o ditador, não usando a farda daquela organização nas formaturas. Foi possível a Saramago confirmar, mais tarde, os juízos que fazia, já nessa altura da sua juventude, de que Hitler, Mussolini e Salazar eram, afinal, ideologicamente, todos iguais. A sua aversão a políticas opressoras manifesta-se desde esse tempo.

Entretanto, também *O evangelho segundo Jesus Cristo* comporta aspetos decorrentes das memórias da infância de Saramago, como a lembrança da mistura de água, vinagre e açúcar, que viria a servir-lhe para descrever aquela que vai matar a última sede de Cristo.

As experiências de vida da infância de Saramago, registadas em *As pequenas memórias*, estendem-se ainda a outros dos seus romances: uma personagem real, que Saramago refere ser parente dos seus vizinhos em Lisboa, acaba por estar na base da conceção do *Ensaio sobre a cegueira*: Júlio, cego, internado num asilo, com todo o ambiente que envolvia aquele espaço: o cheiro que se desprendia, um odor a ranço, a comida fria e triste, a roupa mal-lavada, sensações que ficarão para sempre associadas à cegueira.

Outra memória de tempos idos acontece com a história de Francisco, seu irmão. Diz Saramago que o romance *Todos os nomes* talvez não tivesse sido escrito se, em 1996, não tivesse andado tão envolvido dentro das conservatórias de registo civil. Este romance aponta uma forte crítica à máquina burocrática improdutiva no nosso país.

As pequenas memórias são, pois, para Saramago, um exercício memorialístico que lhe permite não apenas que se reinvente — no sentido em que está a recuperar a criança e o adolescente que foi à luz do que é o adulto escritor — e recupere de uma força anímica que lhe é vital, mas também (e sobretudo) desvende ao leitor a sua visão crítica face ao mundo em que vive. As feridas à ética, no sentido abrangente em que a considera, emergem desse exercício da memória, são direta ou indiretamente denunciadas pelo escritor e encontram-se pulverizadas um pouco por toda a sua produção literária.

Mas há um outro tipo de memória que Saramago pretende recuperar de uma forma diferente, ainda que com um propósito similar. Trata-se da memória coletiva, ao invés da individual, e aí o escritor vai recuar no tempo para momentos da história do país que é preciso recordar para reescrever, uma vez que as memórias desses tempos que chegaram até nós foram deturpadas ou estão amputadas de verdades que é forçoso repor. *Memorial do convento* é disso um bom exemplo. A ideia comumente aceite de que o convento de Mafra foi construído por D. João V fere a sensibilidade de Saramago, não tanto pela imagem do rei, reduzido, muitas vezes, pelo autor à condição de um homem comum, mas porque os verdadeiros homens que carregaram as pedras e trabalharam na construção do convento não constam dos registos da história, foram sempre ignorados e ficaram esquecidos. Ora, como Saramago afirma, aqueles homens anónimos, as suas famílias e as respetivas vidas merecem que se lhes dê um lugar na história da construção megalómana do convento e, por isso, a anterior história tem de ser reescrita, num processo que Linda Hutcheon designou de metaficção historiográfica, que apresenta uma outra focalização sobre os factos narrados. Saramago conta as vidas dos trabalhadores anónimos do convento de Mafra e atribui-lhes, simbolicamente, nomes iniciados por cada letra do alfabeto, num memorial imaginário onde todos serão recordados e não mais serão esquecidos. As memórias futuras, deseja o autor, estarão mais completas em função desta recuperação da história passada e do seu completamento através de referências de que essa mesma história era omissa.

Quanto ao espaço, o outro pilar considerado nesta análise, poderá assumir-se que constitui, de entre as demais categorias da narrativa, o grande enfoque do escritor. É no espaço que se desenrolam as ações e se movimentam as personagens, mas esse espaço é perspectivado, no romance saramaguiano, muito além da dimensão física, noutro espaço, de índole simbólica, que se manifesta tanto ao mergulhar o leitor no interior das personagens para delas conhecer a riqueza do seu mundo psicológico, como, sobretudo para o transfigurar e projetar a uma escala quase universal, onde os problemas de uns se projetam como problemas da humanidade inteira.

A *caverna* pode aqui ser retomada para relevar a importância do espaço: de um espaço ancestral carregado de afetividade — a olaria — a família desloca-se

para um não-lugar e ali experimenta as vicissitudes do mundo moderno, com um controlo apertado por um sistema de panótico, conforme analisa Michel Foucault (1987), ou de *Big Brother*, tornando-se insuportável viver sob aquelas condições, há um momento de interiorização da realidade hostil e a consequente rutura e posterior fuga daquele espaço, rumo à utopia de um lugar melhor.

Poderia enumerar os vários romances de Saramago e explorar em cada um essa dimensão basilar do espaço. Vou apenas referir mais dois, dos já citados. Em *Levantado do chão*, o espaço físico do latifúndio funciona como cenário multifuncional onde coexiste a geração dos ricos, que se perpetua, e a geração dos pobres, sempre pobres. É a partir desse espaço de errância da família Mau-Tempo que João vai tomando consciência da sua verdadeira condição e, assim, enceta um movimento de revolta que culminará com a Revolução de Abril. Também neste romance, a figura quase surreal do padre Agamedes vai representar uma dimensão simbólica do espaço religioso e permitir ao escritor a construção de uma imagem crítica à instituição da Igreja: a religião não passa, na sua opinião, de um produto da imaginação, que tem condicionado negativamente a vida dos homens.

Uma breve referência ainda ao *Memorial do convento*, desta feita com o enfoque nos dois macro-espacos da obra: Lisboa e Mafra. Ambos são palco de situações históricas que constituem verdadeiros atentados à ética, porque o são à dignidade humana: as perseguições e mortes nos autos de fé, tal como a exploração desmesurada dos trabalhadores nas obras do convento. Ainda que o *Memorial do convento* aponte para o espaço de Mafra, é no macroespaço de Lisboa que surge espelhada uma boa parte da sociedade portuguesa da época, enfatizando o autor a questão da alienação das pessoas em torno de espetáculos que condena, como as touradas, ou a vivência da fé e da religião católica, com manifestações absurdas como as procissões, culminando com os sentenciados nas fogueiras da Inquisição.

Assente em vários suportes de que se enfatizou a memória e o espaço, a obra de José Saramago constitui um permanente apelo ao leitor. Partindo de situações plausíveis, mas improváveis ou impossíveis (uma Península Ibérica que se despega do resto da Europa, uma cidade onde todos estão cegos, uma mulher que vê o interior dos outros, a morte que deixa de acontecer — referências alegóricas que apontam para contextos reais plausíveis), o leitor vai vivenciando, a par e passo com as personagens, uma multiplicidade de situações que constituem verdadeiros atentados ao sentido ético da vida e a que não consegue ficar indiferente. Tenderá, então, a olhar, ver e reparar à sua volta e a assumir uma posição mais crítica relativamente a situações frequentes de desrespeito dos direitos humanos, verdadeiros atentados à moral e à ética, e, consequentemente, a contribuir para a utopia possível de tornar o mundo melhor.

Referências bibliográficas

- Aguilera, Fernando Gómez (2010). *José Saramago nas suas palavras*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Augé, Marc (2003). *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus.
- Bauman, Zygmunt (1998). *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Foucault, Michel (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- Hutcheon, Linda (1988). *A poetics of postmodernism: history, theory, fiction*. Oxford: Routledge.
- Jiandong, Lu (2010). *Temps croisés — la mémoire: thématique maîtresse de la littérature et de l'histoire*. Paris: Fondation de la Maison des Sciences de l'Homme.
- Lipovetsky, Gilles (2007). *A felicidade paradoxal*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Restrepo, Laura (3 de mayo de 2008). «Extraño enano». *El País*, Madrid. https://elpais.com/diario/2008/05/03/babelia/1209772225_850215.html. .
- Tulving, Endel (1972). «Episodic and semantic memory». *Academic Press*, Nova Iorque. [online] [2 de agosto de 2014] http://alumin.media.mit.edu/generals/papers/Tulving_memory.pdf.